

O FACEBOOK E AS CARÊNCIAS HUMANAS

Embora a alguns estudiosos afirmem que as mídias sociais eletrônicas promovam inter-relacionamentos através de textos, imagens, sons e vídeos eu prefiro dizer que o senso comum tomado pela fascinação e os estudiosos guiados por uma ilusão fazem fetichismo ao se referirem às mídias sociais. Fetiche é dar força sobrenatural a algo que não a possui que, no dialeto popular, é o famoso “fazer feitiço”. Pois, pensam que a mídia social é capaz de definir eleições, como eleger Obama, e até fazer revoluções políticas, como na “Primavera árabe”. Para mim isso é puro fetichismo. Inegavelmente ela pode ajudar, mas pelo descompromisso social das pessoas virtuais e pelo número dos que tem acesso às redes, ela não é decisiva. Alguns estudiosos de comunicação também, em função dessa mídia social eletrônica, afirmam que o homem vive a era das comunicações. Prefiro afirmar que essa é a era do *flatus vocis*. Pois, na mídia social eletrônica muito se fala e se mostra, porém, pouco se comunica. É ruído, é a poluição da comunicação. Mas, devo admitir que essa mídia social não é modismo, faz parte do nosso tempo e do nosso modo de comunicação.

Com relação especificamente ao Facebook, sempre o tive como um lugar onde as pessoas postavam banalidades e futilidades, nas quais expunham suas intimidades de forma exacerbada e desnecessária. E mais, para mim o Facebook era coisa de desocupados e desocupadas. Mesmo porque, a sua origem foi para fazer revelações das fraquezas humanas, postar fofocas e fazer picuinhas.

Porém, a partir de fatos vivenciados resolvi parar e observar melhor essa ferramenta de comunicação virtual. Dediquei mais tempo para ler e analisar as diversas postagens no Facebook, não só dos meus amigos e amigas, mas também de amigos e amigas dos meus amigos. Então, percebi que ali também são comunicadas as crenças políticas e religiosas, as angústias, as esperanças e alegrias, expressando o momento emocional vivenciado pelos usuários virtuais. Além disso, ele também é usado para mandar “recadinhos” para amigos e inimigos.

Dessas observações descobri que o Facebook é o maior divã de psicanálise coletiva e que, se eu fosse um psicanalista exigiria que todos meus pacientes criassem uma conta no Facebook. Visto que, analisando-se as postagens, poder-se-ia descobrir qual é o grau de psicose e transtornos mentais dos pacientes. Pois, a partir da foto e capa da página, já se pode ler muitas coisas, embora não escritas, mas estão ali ditas. Nelas estão inscritas as crenças, esperanças e os medos da pessoa. Alguns, tão resabiados,

deixam a capa em cinza e colocam foto que não a sua. Outros aproveitam para propagandear a imagem pessoal ou de seus negócios.

As postagens, as quais aparecem no “*feed* de notícias”, além das banalidades, mediocridades e futilidades, que dão o tom maior, muitos jogam com o próprio imaginário buscando uma autocompensação ou autoafirmação, postando imagens e mensagens sobre o que elas não são, mas sobre o que gostariam de ser ou ter, ou que assim fosse. Nas mensagens de amor, na maioria delas, percebe-se uma profunda carência afetiva de quem postou a mensagem. Em outras, devo admitir que Freud estava com a razão quando afirmou que uma pessoa não ama a outra, mas se ama na outra. Pois, dada as características do amor buscado só pode ser a própria pessoa.

Além do grande divã de psicanálise, o Facebook também funciona como um grande confessionário. Pois, nas postagens religiosas as pessoas confessam a sua fé e alguns aproveitam para pedir perdão pelos seus pecadinhos do cotidiano. Mas, sempre reafirmam sua fé e os pedidos de ajuda divina. Portanto, o Facebook, além de um centro virtual de psicanálise, é também um grande templo virtual, unindo o profano (divã) e o sagrado (fé num divino).

O Facebook também é um grande clube virtual de encontros com amigos e amigas virtuais. Pois, pela carência afetiva no mundo sensível, muitos buscam lá amigos e amigas virtuais. Carência essa que é fruto da própria virtualidade do mundo, gerada pelo modelo de desenvolvimento social e econômico. Esse modelo empurra as pessoas para o isolacionismo: “Cada um por si e Deus por si” e para uma espécie de solipsismo: “Eu me basto”. Então, como não se tem uma amiga ou um amigo real no qual se possa confiar e confessar as dificuldades e anseios, busca-se amigos e amigas virtuais. Nesse mundo virtual, segundo fuxicos, “rolam” namoros, amores, sexo e, até casamentos. A virtualidade tem suas vantagens, visto que não existe um comprometimento sério com o amigo ou a amiga virtual. Desliga-se a máquina e o amigo ou amiga se vai. E, se a amizade começa tomar o rumo do namoro ou equivalente, e uma das partes não quer mais, basta bloquear o amigo ou a amiga ou, em última instância, acaba-se com a conta do Facebook e tudo se evapora como fumaça no ar. Vivas ao mundo do *flatus vocis* e da amizade virtual!

Antonio Carlos

Curitiba, maio 2013.